

A Lenda da Pedra da Batateira: o desenvolvimento de infográfico como forma de preservação da história oral do Crato

The Legend of Pedra da Batateira: developing an infographic as a means of preserving the oral history of Crato

Kalígia Siqueira Cavalcante, Sávio Nobre de Araújo, Otávio Facundes Matos Braga Bonfim, Juliana Loss JustoA

lendas, Cariri, infografia, história oral

Este estudo tem como objetivo analisar a importância da história oral na preservação e transmissão da Lenda da Pedra da Batateira, uma narrativa popular presente na região do Cariri Cearense, através do desenvolvimento de um infográfico. A pesquisa, de natureza qualitativa, baseou-se em uma revisão bibliográfica e análise de fontes documentais, incluindo relatos de moradores e registros históricos. A metodologia adotada envolveu a coleta de depoimentos e a aplicação de técnicas de design da informação para a elaboração do infográfico. O principal resultado demonstra a capacidade de desenvolver, através da infografia, uma peça visual que refletisse as necessidades históricas: o histórico e as influências culturais da localidade. A pesquisa também revelou a importância da história oral na preservação da identidade cultural da região, bem como o papel do design da informação como meio de traduzir visualmente os aspectos da lenda. Em suma, este estudo destaca a relevância da história oral como um meio vivo e dinâmico de perpetuação das narrativas populares, enriquecendo nosso entendimento sobre a cultura e identidade de uma comunidade.

legends, Cariri, infographics, oral history

This study aims to analyze the importance of oral history in the preservation and transmission of the Legend of Pedra da Batateira, a popular narrative present in the Cariri region of Ceará, through the development of an infographic. The research, of qualitative nature, was based on a literature review and analysis of documentary sources, including accounts from residents and historical records. The adopted methodology involved the collection of testimonies and the application of information design techniques for the creation of the infographic. The main finding demonstrates the ability to develop, through infographics, a visual piece that reflects the historical needs and cultural influences of the locality. The research also revealed the significance of oral history in preserving the cultural identity of the region, as well as the role of information design as a means to visually translate aspects of the legend. In conclusion, this study highlights the relevance of oral history as a living and dynamic means of perpetuating popular narratives, enriching our understanding of the culture and identity of a community.

1 Introdução

Anais do 11º CIDI e 11º CONGIC

Ricardo Cunha Lima, Guilherme Ranoya, Fátima Finizola,
Rosangela Vieira de Souza (orgs.)

Sociedade Brasileira de Design da Informação – SBDI
Caruaru | Brasil | 2023

ISBN

Proceedings of the 11th CIDI and 11th CONGIC

Ricardo Cunha Lima, Guilherme Ranoya, Fátima Finizola,
Rosangela Vieira de Souza (orgs.)

Sociedade Brasileira de Design da Informação – SBDI
Caruaru | Brazil | 2023

ISBN

A Lenda da Pedra da Batateira é uma narrativa que sempre esteve/está presente no imaginário coletivo dos habitantes da cidade do Crato, localizada ao sul do estado do Ceará. Em dias de chuva forte, a profecia de que a “pedra vai rolar” sempre ressurge na consciência dos caririenses, independentemente de acreditarem ou não na sua concretização.

Este artigo tem como objetivo, portanto, propor a construção de um infográfico que conte a Lenda da Pedra da Batateira, apresentando suas diferentes interpretações, utilizando-se do design da informação para preservação da história oral para o contexto do Cariri.

A presente pesquisa se localiza na área de design da informação por se tratar de um campo que contempla a relação entre o verbal e o visual. Pettersson (2012) nos traz que o gênero design da informação é uma área interdisciplinar, incluindo em si várias outras áreas de conhecimento, como artes, linguagem e comunicação que agregam a informação como seu principal sujeito.

O infográfico aqui atua como um instrumento do design da informação, possibilitando, através de sua leitura, comunicar informações de forma precisa e eficiente (DOMICIANO et al, 2019). Através da infografia, busca-se criar representações visuais que capturem a essência dessa narrativa, preservando os elementos simbólicos, os personagens e os locais envolvidos. Além disso, o trabalho visa compreender como o design pode contribuir para a valorização e promoção das tradições culturais locais, fortalecendo a identidade comunitária.

A relevância deste trabalho reside na valorização e preservação das histórias e mitos como a Lenda da Pedra da Batateira, que compõem a memória coletiva de uma comunidade, além de sua contribuição para a área de história e memória gráfica. Segundo Farias e Braga, entende-se memória gráfica como a área que estuda o significado e valor de artefatos visuais, os autores trazem ainda que a memória coletiva e a cultura são elementos capazes de produzir “memória gráfica” quando ancorados às abordagens e métodos de estudos da memória coletiva (2018).

2 Localizando a lenda no tempo e espaço

Localizado a uma distância de cerca de 527 km da cidade de Fortaleza, capital do Ceará, o Crato possui uma paisagem única e privilegiada em comparação com outros municípios do estado. Isso se deve ao fato de estar situado na região da Chapada do Araripe e às suas características distintas em termos de geologia, clima e vegetação.

Antes da chegada dos primeiros colonizadores em busca de conquista, posse e exploração, o vale do Cariri já era considerado um "território sagrado" pelos povos que já habitavam a região, os Kariris.

Foi em defesa dessa terra da fertilidade e da fartura, onde se situava também o “espaço mítico”, que os índios Cariri fizeram guerras contra os invasores brancos e mestiços colonizadores e, bem antes, contra as tribos dos sertões que, empurradas pela escassez de víveres e pelas secas periódicas, tentavam se estabelecer na região. Índios, negros e mestiços do Nordeste já conheciam o Cariri cearense como “terra da fertilidade”, como “chão sagrado”, bem antes das pregações do padre

Ibiapina e de Antônio Conselheiro, do milagre da beata Maria de Araújo e da fama do padre Cícero. (Cariry, 2018, p. 3)

A partir deste trecho, é possível perceber a influência mística da região que ainda povoava a imaginação dos caririenses até o presente. Essa influência continua a moldar a maneira como a população da região comprehende e valoriza sua história, suas tradições e sua relação com o território que habitam.

Cariry (2018) ainda cita que a Lenda da Pedra da Batateira, objeto de estudo da presente pesquisa, surge como um meio que os indígenas da região encontraram para enfrentar a invasão dos colonizadores, assustando-os através do imaginário.

O surgimento exato dessa lenda permanece desconhecido, no entanto, é provável que tenha surgido durante o processo de aldeamento dos indígenas Kariris na Missão do Miranda, atual município do Crato, entre os anos de 1740 e 1750 (Cavalcanti, 2019).

Um dos registros escritos mais significativos que oferece detalhes sobre a lenda é encontrado no livro "A Cidade de Frei Carlos", escrito pelo Padre Antônio Gomes de Araújo. Nessa obra, o autor registrou algumas das lendas do Cariri cearense.

Sobre a Lenda da Pedra da Batateira, o Padre escreve que:

Os europeus acreditavam na fantástica beldade marinha, misto de peixe e mulher – a sereia de que Iemanjá dos africanos é réplica. Nossos índios tinham sua lara, jovem dos cabelos verdes, senhora dos rios e das fontes, e que, às vezes, se dava o luxo de atrair os remeiro à corredeiras. O mito achou guarda no espírito do povo rude. Na Missão do Miranda, os índios localizavam a morada da lara – Mãe d'Água, para o vulgo – num lago subterrâneo correspondente ao altar de N. S. da Penha. Acompanhavam a lenda com outras: um dia a lara subverteu a povoação submergindo-a no lago. Os brancos simplórios herdaram a lenda mito.

Descontente com a invasão dos brancos, a lara resolvia destruir a povoação do Miranda, retirando a pedra que controlaria o escape das águas da nascente Batateira. Deveu-se o adiamento do cataclisma primeiro à intervenção de S. Fidélis, depois, à alma de frei Carlos, do dito, o qual, às vezes, é visível aos olhos mortais, rondando a fonte.

Coincidência: no inverno desse ano, a erosão descobriu uma grande pedra na citada fonte, certamente coberta outrora pelo mesmo processo erosivo. Enfim, tudo, mitos que, se não resistem ao mínimo teste da ciência histórica, valem para a literatura folclórica local, sobretudo pelo sabor das origens. (1971, apud Limaverde, 2015, p. 108)

A lenda ganhou esse nome devido ao Rio Itaytera, cujo significado é "água rolando entre as pedras" (Cavalcanti, 2019, p. 52). Esse rio, popularmente conhecido como Rio Batateira, está localizado no município do Crato e abriga as nascentes de maior vazão da região. A escolha do nome da lenda está diretamente relacionada à importância e à presença desse rio no local, tornando-o um elemento central na narrativa mitológica transmitida ao longo do tempo.

A lenda sofreu modificações conforme as necessidades históricas. Para os romeiros que chegavam a Juazeiro do Norte, cidade vizinha ao Crato, a profecia de uma grande enchente gerava inquietação, pois implicava que, caso o Crato fosse inundado, Juazeiro também seria afetada.

Surgiu, então, a “boa nova” de que o Padre Cícero amarrara a “Pedra da Batateiras” com grossas correntes de ferro e teria pedido a proteção da Mãe do Belo Amor (a primeira imagem adorada pelos Kariris na Missão do Miranda). A pedra só iria rolar no final dos tempos e Juazeiro do Norte seria suspenso no céu para que as águas passassem devorando as iniquidades do mundo. Baixas as águas, teria início a era do “Espírito Santo” e os pobres e deserdados da terra herdariam o “Paraíso”. (Cariry, 2018, p. 5)

Torna-se evidente como os romeiros de Juazeiro do Norte conferiam ao Padre Cícero uma aura quase mitológica, atribuindo-lhe características heroicas. Através dessas crenças, os romeiros reforçavam sua devoção ao padre, elevando-o a um patamar quase mítico, onde ele se tornava um símbolo de proteção e esperança para a comunidade. Essa transformação do Padre Cícero em uma figura heroica, ilustra a poderosa influência da religiosidade e da fé na construção de narrativas mágicas ao redor de líderes religiosos e suas ações extraordinárias.

O autor ainda acrescenta que:

Depois das três noites de escuridão e dos três estrondos que vão abalar a “Pedra da Batateiras”, fazendo despertar a serpente das águas no interior da chapada do Araripe. Todo o Cariri será um imenso mar. A baleia, que dorme sob o altar da matriz do Crato, flutuará com a imagem de Nossa Senhora – a Mãe do Belo Amor, no dorso. O padre Cícero resgatará a Mãe do Belo Amor da fúria das águas e a levará para a matriz de Juazeiro, onde Ela reinará ao lado da Mãe de Deus. Em frente à matriz, ficará o porto para entrada e partida de navios de todos os recantos do mundo. Juazeiro será a Nova Jerusalém com suas torres de ouro, suas muralhas de prata e suas pontes de cristal. Todo o pobre será rico, todo o doente será sô, todos os humilhados serão exaltados. (Cariry, 2018, p. 10)

Essas transformações na lenda demonstram como ela se adapta e se molda ao longo da história, refletindo as esperanças, medos e aspirações das pessoas em diferentes contextos. É uma prova da resiliência das tradições orais, que conseguem se adaptar às mudanças sociais e culturais, ao mesmo tempo em que preservam as raízes e a identidade de um povo.

3 Oralidade e o conceito de lenda/mito

O conceito de lenda e mito fazem parte da construção cultural humana e suas formas de ver o mundo, segundo Bayard (1957, p.10):

A palavra lenda provém do baixo latim legenda, que significa “o que deve ser lido”. No princípio, as lendas constituíam uma compilação da vida dos santos, dos mártires. [...] atualmente, a lenda, transformada pela tradição, é o produto inconsciente da imaginação popular. Desta forma o herói sujeito a dados históricos, reflete os anseios de um grupo ou de um povo; sua conduta depõe a favor de uma ação ou de uma ideia cujo objetivo é arrastar outros indivíduos para o mesmo caminho.

Já o mito, segundo Rocha (1999, p. 7) é:

um discurso, uma fala. É uma forma de as sociedades espelharem suas contradições, exprimirem seus paradoxos, dúvidas e inquietações. Pode ser visto como uma possibilidade de se refletir sobre a existência, o cosmos, as situações de “estar no mundo” ou as relações sociais.

As lendas e os mitos são entrelaçados com os valores, símbolos e crenças que moldam não apenas nossa percepção do mundo ao nosso redor, mas também nossa visão de nós mesmos. Eles estão inherentemente ligados à identidade cultural de comunidades e à cultura de um povo, influenciando a forma como eles se veem e se relacionam com o mundo e uns com os outros.

A Lenda da Pedra da Batateira, chamada de mito fundador do município do Crato, está associada a um evento mítico e à resistência dos povos nativos contra a investida dos colonizadores brancos. Assim, essa lenda/mito entrelaça fatos reais com elementos imaginários. (Limaverde, 2015)

A Lenda em estudo assume múltiplas visões, todas derivadas de uma fonte comum que incorpora elementos místicos das comunidades indígenas e sofre influências que dependem de onde e por quem a lenda é difundida. Essas diferentes versões e influências no mito da Pedra da Batateira destacam a importância da tradição oral na preservação e transmissão das histórias e mitos ao longo das gerações.

A história oral aqui desempenha um papel fundamental na manutenção da cultura e identidade de um povo, permitindo que essas narrativas sejam transmitidas e adaptadas às mudanças e contextos ao longo do tempo. Através da oralidade, as histórias ganham vida, são compartilhadas e reinterpretadas, perpetuando-as na memória coletiva.

4 A história oral como trilha metodológica

É importante destacar que a história oral é uma prática muito antiga que está relacionada com os contos populares e a oralidade. A história surgiu sendo contada de boca a boca, evoluindo até se transformar em escritos que conferem legitimidade e preservam, de forma mais segura e duradoura, a história humana. (Matos & Senna, 2011)

Ao analisar como um procedimento metodológico, Alberti sobre a história oral escreve que:

pode ser entendida como um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, ...) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc. (Alberti, 1990, p. 52).

Matos e Senna sobre o tema, afirmam que a história oral como metodologia:

busca registrar – e, portanto, perpetuar – impressões, vivências, lembranças daqueles indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade e dessa forma permitir um conhecimento do vivido muito mais rico, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma, não conheceríamos (Matos & Senna, 2011, p. 97)

A história oral permite mergulhar em um mundo repleto de histórias pessoais, emoções e perspectivas únicas, revelando nuances e cores que enriquecem a compreensão do passado e contribuem para a construção de uma história mais completa e inclusiva.

Relatos reais de pessoas reais

As narrativas da tradição oral são criações populares – feitas por autores anônimos – que sobreviveram ao tempo e se espalharam devido à memória e à habilidade de seus narradores, os quais, de geração em geração, incumbiam-se de manter viva essa tradição. Diante disto, optamos usar como referência para a construção do infográfico relatos de pessoas que possuem sua origem conectada à essas lendas, como Verioní Bastos, historiadora, antropóloga e indígena Kariri que cresceu escutando as histórias contadas por sua avó Francisca Faustino Ribeiro, ambas nascidas e criadas na cidade do Crato.

Sobre a lenda, Verioní conta:

Então, eu me lembro desde criança que minha avó contava, minha vó que desencarnou em 2011 com 86 anos, filha de índios kariri, que a lenda da batateira era porque os índios, taparam as fontes de água com os elementos da mata que eles conheciam, para evitar que os invasores brancos bebessem a água. A lenda da batateira é que ali tem 3 pedras grandes, que controlam toda a vazão de água da chapada e que quando acontecer dessas 3 pedras rolarem, a gente vai ter toda a região inundada, as águas vão vir e vão subir de novo na região do cariri. Dessa maneira, ela contava que ia começar a ideia que a gente sempre escuta “que o sertão vai virar mar”. Então, aqui era uma terra promissora, limpa, que foi invadida pelos brancos e que tinha esse conhecimento dos indígenas que se não cuidassem de tudo, haveria a inundação do cariri, ela me contava que havia essas três pedras lá, mais que não era propriamente a pedra em si que ia rolar, mais quando houvesse toda uma destruição da natureza é que nós íamos sofrer as consequências. Porque ela sempre dizia que as pedras não estavam mais lá, a questão era que o povo não sabia cuidar das terras, da chapada, da floresta e vai acontecer de toda a região sofrer muito com as águas, então era isso que minha avó contava.

(informação verbal)¹

Em entrevista com Francisca, a dona de casa apresenta maiores detalhes acerca da lenda:

A pedra da batateira minava água, era uma pedra grande e a água saia por baixo. Aí o povo dizia que a pedra da batateira ainda ia descer e levar o Crato e o Juazeiro, quando passasse no salgadinho, levava o Juazeiro. Chegou até um tempo que amarraram a pedra de corrente, a teoria das pessoas do Crato é que a pedra descia na primeira segunda-feira de agosto, como no Crato tinha muita gente, a feira do Crato era uma festa, vinha muita gente do juazeiro, quando era na primeira segunda-feira de Agosto o povo do juazeiro não vinha, porque diziam que a pedra da Batateira ia descer. Só que nunca coincidiu de descer, hoje ainda tem gente, mas velha que eu que vive, que diz que a pedra da batateira ainda desce para levar o Crato e o Juazeiro. (informação verbal)².

Como é possível observar nos relatos acima, as narrativas, assim como os locais de memória, desempenham um papel fundamental na preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições. Sejam em forma de registros orais ou escritos, essas narrativas são marcadas pelo movimento singular da arte de contar, traduzindo em palavras as reminiscências da memória e a consciência do tempo em que vivemos. (Delgado, 2009)

Essas narrativas, trazidas por Verioní e Francisca servirão mais adiante como base para identificação dos elementos utilizados na construção do infográfico, assim como o relato da

¹ Relato fornecido por Verioní Bastos, em entrevista no Crato-CE. Em Abril de 2023

² Relato fornecido por Francisca Irismar de Oliveira, em entrevista no Crato-CE. Em Abril de 2023.

dona de casa Maria Costa que, mesmo não tendo conexão familiar com a história da cidade, compartilha das mesmas referências da Lenda da Pedra da Batateira: Quando nós chegamos aqui no Crato em 1955... aí a história que eu sabia, nesse tempo eu tinha 10 anos, que na Batateira tinha um rio, e nós ia tomar muito banho no rio da Batateira, e o povo dizia que lá nas cabeceiras do rio tem uma pedra amarrada com umas correntes e que se essa pedra descesse, com uma chuva grande que desse... por isso que ela é amarrada pra ela num sair do lugar né? Aí ela inundava o Crato todinho e acabava com o Crato. Eu sei dessa história que a pedra é amarrada com umas correntes pra não inundar quando desse uma chuva grande, naquele tempo dava muita chuva grande e o rio da batateira enchia mesmo. ...essa história a gente tinha era medo quando tava chovendo muito da pedra se soltar da corrente, de inundar o Crato, principalmente no centro ali. (informação verbal)³.

As narrativas orais vão além do seu conteúdo verbal ou de sua posterior transcrição, pois durante a escuta dos relatos são observadas também a performance completa. Afinal, essas narrativas são contadas através da combinação de gestos, expressões, repetições, rimas, entonação, olhares, musicalidade e outros elementos mnemônicos (Limaverde, 2015).

Ao contar histórias e compartilhar narrativas, é estabelecido uma conexão profunda com suas raízes culturais e as experiências dos antepassados. A história oral permite entender e apreciar a complexidade da identidade coletiva, ao mesmo tempo em que ensinam lições valiosas, preservam tradições e proporcionam um senso de continuidade e pertencimento.

5 O infográfico como instrumento de preservação da memória oral

A utilização do design de informação, por meio da infografia, desempenha um papel significativo na representação visual dos elementos da Lenda da Pedra da Batateira, tornando-se assim uma ferramenta para perpetuar e transmitir a história oral de uma região. Ao sintetizar informações complexas em elementos gráficos claros e intuitivos, a infografia proporciona uma maneira acessível e atrativa de compartilhar os aspectos dessa lenda, garantindo sua preservação e tornando-a acessível a um público mais amplo.

Dessa forma, o design de informação desempenha um papel relevante na manutenção e disseminação das tradições culturais e históricas por meio da infografia, com uma abordagem visualmente impactante e envolvente. O infográfico visa representar e ilustrar a lenda por meio das suas versões mais conhecidas, que foram obtidas através de entrevistas e pesquisa bibliográfica.

Na classificação dos tipos de infográficos, utilizamos a de Moraes (2013) baseada em questionamentos sobre o infográfico, sua proposta. O autor cita três tipos, que são: historiográficos, exploratórios e explanatórios, podendo ser usada mais de uma classificação num mesmo infográfico. Assim, vamos utilizar a historiográfica, que tem por base uma sequência de eventos históricos, que buscam a contextualização de um elemento em relação aos eventos, no caso, contextualizar as versões da lenda de acordo com o tempo.

³ Relato fornecido por Maria Cardoso da Costa, em entrevista no Crato-CE. Em Abril de 2023.

A metodologia utilizada foi adaptada de Miranda e Andrade (2017), baseada no design da informação e linguagem gráfica, o processo original consiste em oito etapas: foco ou recorte, coleta de dados, seleção, rascunho, produção, revisão e correção, publicação e crítica, das quais utilizamos quatro, quais sejam: coleta de dados, seleção, rascunhos e produção.

6 Do desenvolvimento do infográfico da Lenda da Pedra da Batateira

A primeira etapa do desenvolvimento do infográfico foi a de coleta de dados e definição das versões da lenda que seriam abordadas. Após filtrar as fontes de pesquisa e as entrevistas feitas para a construção dos textos, foi decidido focar em pontos chaves de cada versão, como se fossem fatos alternativos da história.

A segunda etapa foi delimitar quais das informações colhidas seriam aplicadas na elaboração do infográfico, texto, lead e título, utilizando primeiramente uma ordem mais linear de acontecimentos. Essa etapa foi de enorme importância, pois foi nela que foi feita a tradução e seleção das informações em elementos visuais que viriam a compor a ilustração feita para o infográfico.

Na etapa de rascunho, foi utilizado o software Procreate para criação das ilustrações que será o ponto visual chave do infográfico. Para isso, foi feita uma pesquisa de imagens de referência para a elaboração da ilustração, focando em elementos tátteis e estéticos que corroboraram com o projeto.

Figura 1: Moodboard de referências para a ilustração. Fonte: Desenvolvido pelos autores.



A direção de arte da ilustração do infográfico foi inspirada em capas de romances de mistério e suspense dos anos 60 e 70. A partir dessas referências foi feito os primeiros rascunhos do infográfico.

Figura 2: Rascunhos da ilustração. Fonte: Desenvolvido pelos autores.

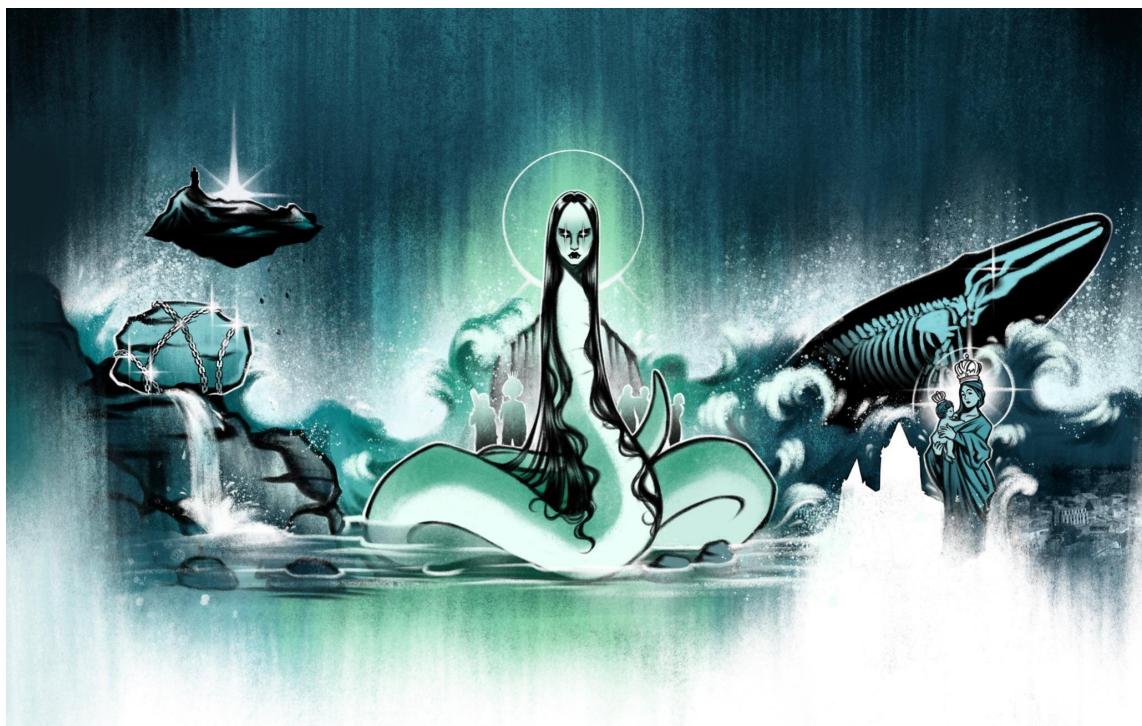


No rascunho da ilustração, foi focado nos principais elementos das versões: A pedra acorrentada, A Mãe D'água e a baleia junto da imagem de Nossa do Belo Amor, criando uma unidade e continuidade visual das versões, com o ponto de ignição sendo as águas correntes da fonte coberta pela pedra.

Figura 3: Rascunho final com aplicação de cores. Fonte: Desenvolvido pelos autores.



Figura 4: Ilustração finalizada. Fonte: Desenvolvido pelos autores.



A escolha das dimensões, grid, fontes e demais elementos visuais foi feita pensando na legibilidade, organização das informações e dinamismo entre os elementos textuais e imagéticos do infográfico, foi delimitado o tamanho do infográfico para o formato padrão de página dupla em revista: 42 x 28 cm.

Visto a quantidade de informações no infográfico, a tipografia escolhida deveria ser de boa legibilidade em contraste com a ilustração e suas texturas, com peso para destacar informações chave, assim foi escolhida a Acumin para o corpo do texto e a Archivo para o título. Posteriormente foram adicionadas boxes de sublinho ligando o texto a detalhes da ilustração. Segue abaixo testes de diagramação até a versão final do infográfico:

Figura 5: Primeira e segunda versão de diagramação. Fonte: Desenvolvido pelos autores.



Figura 6: Correção na diagramação da versão escolhida do infográfico. Fonte: Desenvolvido pelos autores.



Figura 7: Versão final do Infográfico. Fonte: Desenvolvido pelos autores.



Figura 8: Detalhe do leading do Infográfico. Fonte: Desenvolvido pelos autores.



Figura 9: Detalhes da versão final do Infográfico. Fonte: Desenvolvido pelos autores.

A PEDRA VAI ROLAR...

A **Lenda da Pedra da Batateira**, presente até hoje no imaginário coletivo dos habitantes de Crato, é sempre lembrada em dias de chuva intensa. Essa narrativa mítica possui diversas interpretações, todas originadas de uma fonte comum, incorporando elementos místicos e influenciada pelas diferentes vozes que a contam. Essas variações e influências destacam a importância da tradição oral na preservação e transmissão das histórias e mitos ao longo das gerações.

Edição e Pesquisa: Kalígia Siqueira, Otávio Braga e Sávio Araújo
Diagramação: Kalígia Siqueira, Otávio Braga e Sávio Araújo

Ilustração: Sávio Araújo
Orientação: Juliana Loss

Figura 10: Detalhes da versão final do Infográfico. Fonte: Desenvolvido pelos autores.



7 Resultados e discussões

A análise do tema, aliada à produção do infográfico como resultado do estudo, proporciona uma base sólida para a discussão. Com base no referencial teórico, nas questões de pesquisa e na metodologia adotada, é possível identificar a consistência dos achados obtidos que

confirmam a importância da tradição oral na preservação e transmissão das histórias e mitos ao longo das gerações, evidenciando a relevância da cultura popular na formação da identidade social e cultural de determinado grupo.

Os resultados obtidos não se limitam apenas à região do Cariri, mas podem ser aplicados a outras situações e populações que também possuem fortes tradições orais dando possibilidades para futuras pesquisas que explorem mais a fundo a influência do imaginário coletivo na formação da identidade cultural, bem como o papel do design da informação na visualização e disseminação das narrativas orais. Estudos adicionais poderiam investigar a percepção e o impacto do infográfico como ferramenta de preservação e transmissão da história oral, ampliando o escopo dessa pesquisa e contribuindo para o avanço do conhecimento nessa área.

8 Conclusão

Neste artigo, é explorado a rica temática de histórias que residem no imaginário popular tendo como ponto de partida a Lenda da Pedra da Batateira e seu papel na preservação da história oral e na construção da identidade cultural da região do Cariri. Ao analisar suas diferentes versões é possível perceber a importância da tradição oral como um veículo de transmissão de conhecimento, memória e valores.

O estudo evidenciou a capacidade do Design da Informação em traduzir de forma visual os aspectos desta narrativa mítica, utilizando elementos gráficos, simbólicos e visuais para criar uma representação significativa. Ao utilizar essa abordagem, torna-se possível não apenas preservar as histórias, mas também as transmitir de maneira acessível e impactante para diversas audiências.

O Design da Informação e a História Oral revelam sua multidisciplinaridade e interseção entre duas áreas distintas, porém complementares. Ao utilizar estratégias visuais e narrativas, podemos resgatar e manter vivas as histórias e tradições, enriquecendo o patrimônio cultural e fortalecendo a identidade das comunidades.

Reconhecemos que este trabalho é apenas um ponto de partida para uma compreensão mais abrangente do tema. Há desafios a serem enfrentados, como a coleta e preservação de diferentes versões da lenda, o aprofundamento das análises visuais e a incorporação de abordagens mais participativas que envolvam as comunidades locais.

O resultado do trabalho não foi levado para a comunidade ainda, por conta do prazo para envio. Posteriormente a ideia é apresentá-lo para as entrevistadas, mostrando o resultado das suas contribuições e memórias, assim como para a comunidade em geral, que tem a lenda da pedra da Batateira presente em sua história.

Em suma, a intersecção entre o Design da Informação e a história oral revela um potencial promissor para a preservação e transmissão das narrativas míticas, traduzindo-se na possibilidade da área em se configurar como campo de estudo da Memória Gráfica. Esse trabalho contribui para uma compreensão mais profunda do papel do Design da Informação na

preservação da memória e na valorização das narrativas como fontes de conhecimento e identidade cultural.

Agradecimento

O desenvolvimento da presente pesquisa só foi possível graças à Coordenadora para o Fortalecimento da Qualidade de Ensino (CFOR), à equipe e professores tutores do Cambada Pet Design e a nossas entrevistadas, Verioní R. Bastos, Dona Mazinha e Dona Maria, que cederam seu tempo e histórias para o enriquecimento deste projeto.

Referências

- Alberti, V. (1990). *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- Bayard, J. P (1957). *História das Lendas*. São Paulo: Del Rey.
- Cariry, R. (2018) *A Nação das Utopias*. Disponível em: <https://enapegs2018.ufca.edu.br/210-2/>.
- Cavalcanti, R. M. M. (2019). *Memórias em Movimento: Tramas Territoriais e Ambientais no Cariri Cearense* [Tese de doutorado]. Departamento de História. Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/2177.pdf>.
- Delgado, L. A. N. (2009). História Oral e Narrativa: Tempo, Memória e Identidades. In *Anais do VI Encontro Nacional de História Oral* <https://doi.org/10.51880/ho.v6i0.62>
- Domiciano, M. A. L. et al. Elaborando infográficos sob a ótica do design da informação. In *Anais do 9º Congresso Internacional de Design da Informação – CIDI 2019*. 2793-2803
- Farias, P. & Braga, M. (2018) O que é memória gráfica? In *Dez ensaios sobre memória gráfica* 10-25. São Paulo: Blucher.
- Limaverde, R. (2015). *Arqueologia Social Inclusiva: A Fundação Casa Grande e a Gestão do Patrimônio Cultural da Chapada do Araripe*. [Tese de doutorado]. Departamento de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Matos, J. S., & Senna, A. K. (2011) História Oral como Fonte: Problemas e Métodos. In *Historiae*, 95 – 108. Disponível em <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2395>
- Miranda, F., & Andrade, R. C. (2017). Pensar Infográfico: uma proposta de ensino introdutório de infografia sob a perspectiva da linguagem gráfica. In *Revista Infodesign*. 374-396.
- Moraes, A. (2013). *Infografia: História e Projeto*. São Paulo: Blucher.
- Nascimento, C. B. B. (2022). Lugar de Memória: Os Mitos e as Lendas na Construção de Identidades. In *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 3, 1536 –1550 <https://doi.org/10.51891/rease.v8i3.4737>

Pettersson, R. (2012). It depends: principles and guidelines. IIID Public Library, Tullinge.

Disponível em <http://www.iid.net/PublicLibrary/Pettersson-Rune-ID-It-Depends.pdf>.

Ribeiro, R. C., Luna, J. F., & Almeida, B. C. K. B. (2015). A Importância dos Mitos para as Sociedades Indígenas. In *Anais do VII Congresso Internacional de História*, 1421 - 1432 <https://doi.org/10.4025/7cih.pphuem.1152>

Rocha, E. (1999). *O que é mito?* São Paulo: Brasiliense.

Sobre os autores

Kalígia Silva Siqueira Cavalcante, UFCA, Brasil <kaligiasiqueira@gmail.com>

Sávio Nobre Araújo, UFCA, Brasil <araujo.n.savio@gmail.com>

Otávio Facundes Matos Braga Bonfim, UFCA, Brasil <otavio.braga@aluno.ufca.edu.br>

Juliana Loss Justo, Me., UFCA, Brasil <juliana.loss@ufca.edu.br>